

1 Introdução

Ao nos debruçarmos sobre *O Anticristo*, um dos últimos escritos de Nietzsche, podemos constatar que seu conteúdo expressa uma linguagem hiperbólica que, não fosse seu tom jocoso, poderia levar o leitor a tomar o autor como um profeta e porta-voz da verdade, tal qual aqueles das Sagradas Escrituras. O modo como Nietzsche se refere ao Evangelho é exageradamente agressivo; o que tornaria o texto nietzschiano, em quase sua totalidade, nada sério. Tratar o Novo Testamento como uma *corrupção* da história de Jesus, tomar Jesus como um *idiota* e o apóstolo Paulo como *canalha*, e ainda reivindicar para si a tarefa de narrar a “*autêntica* história do cristianismo” são algumas das diversas passagens do texto em que Nietzsche opta por uma linguagem tão coloquial quanto hostil e ofensiva que pode levar um leitor desprevenido a destacar o tom exagerado empregado pelo autor em vez de o conteúdo do texto propriamente dito. Ou seja, à primeira vista, o modo jocoso com que Nietzsche se refere ao cristianismo é muito mais evidente do que as questões propriamente filosóficas que o texto pode levantar.

É evidente que um eventual leitor dos textos de Nietzsche muitas vezes é fisgado por aquilo que eles têm de isca: o riso. Mesmo aqueles que tomam o texto nietzschiano como objeto de estudo, valorizando-o pelo seu conteúdo, pelas questões de filosofia que levanta, e que talvez por força do hábito nem o achem engraçado, não podem se furtar a admitir o fato de Nietzsche destacar o aspecto bufão de seus escritos. Na condição de leitores prevenidos, certamente identificam que Nietzsche não só opta por um tom zombeteiro em seus escritos, como também faz apologia do riso em textos como, por exemplo, *A Gaia Ciência* (Alegre Saber), onde o próprio título faz alusão à alegria, *Além do Bem e do Mal*, *Genealogia da Moral* e *Crepúsculo dos Ídolos*, o qual ele faz questão de interpretar como sendo “um demônio que ri”¹. Por outro lado, o mesmo motivo que provoca risos em um leitor qualquer pode também levar uma pessoa

desprevenida a tomar o autor de *O Anticristo* como um profeta, um pregador de verdades, como o próprio título sugere. Se não valorizarmos, e excluirmos, aquilo que o seu discurso tem de mais aparente – o seu tom jocoso –, incidiremos na suposição que toma Nietzsche como um autor cuja primeira preocupação foi dar caráter de veracidade às suas teses. Como se um pensamento só pudesse ser expresso pela via da verdade, sendo esta a sua própria causa prima. Neste sentido, o texto nietzschiano não passaria de mais um dos inúmeros da história da filosofia que trataram a verdade como uma questão superior, e que, por isso, a superestimaram. Ou seja, Nietzsche incidiria naquilo que se preocupou em criticar: a seriedade com que se tratou a superioridade da verdade; como se através de um modo de pensar que valoriza o riso não fosse possível tratar de questão tão cara à tradição filosófica, mas apenas pela via da valorização da verdade. Como se esta problemática não pudesse ser tomada dentro do âmbito do gracejo, mas da seriedade. Porém, se invertermos essa perspectiva, livrando-nos do “preconceito” de que “onde há riso e alegria, o pensamento nada vale”², identificaremos que o texto nietzschiano acaba seduzindo aqueles que não conseguem ver seu “ar de graça” por aquilo que nele é enganoso: por sua suposta vontade de verdade, e não por sua vontade de rir e de fazer rir. Por isso, podemos nos arriscar a afirmar que Nietzsche talvez estivesse prevendo a ambiguidade que seus textos poderiam suscitar e, por isso, gerar interpretações absolutamente antagônicas, quando no prólogo de seu escrito autobiográfico preveniu seus leitores de possíveis enganos: “*Sobretudo não me confundam! (...), preferiria antes ser um sátiro a ser um santo*”³.

É o estilo utilizado por Nietzsche que suscita diversas interpretações de seus textos, muitas vezes absolutamente contrárias. O modo verborrágico com que ele trata de questões como verdade, metafísica, cristianismo, moral, Deus, etc, torna seus textos muitas vezes duvidosos, ao discutir de forma jocosa temas tão caros à filosofia. Neste sentido, o tema do cristianismo não somente é tratado por Nietzsche de modo eloquente, incisivo, mordaz e, sobretudo, engraçado, como está presente em quase toda a sua obra. Ele não só se utiliza de *O Anticristo* (1888), um de seus últimos escritos, para versar com exclusividade sobre o cristianismo, como também em seus outros livros o tema cristão aparece com

¹ Cf. *Ecce Homo*, “*Crepúsculo dos Ídolos*”, § 1.

² Cf. *A Gaia Ciência*, V, § 327.

³ Cf. *Ecce Homo*, Prólogo, §§ 1 e 2.

frequência, ocasionando, pelos motivos já relatados, controvérsias que muitas vezes colocam Nietzsche como um crítico da doutrina cristã, mas que paradoxalmente requisita estatuto de verdade para seu discurso. Embora, pelos motivos citados, seja compreensível que haja tais interpretações dos textos nietzschiano, ao nos debruçarmos sobre a crítica que o autor faz ao tema cristão, não nos deixamos seduzir pelas artimanhas colocadas em jogo pelo estilo de Nietzsche, que às vezes pode levar alguém desprevenido a uma interpretação de seus textos – segundo ele, enganosa –, que poderia enfraquecer o pensamento de um escritor cujo sentimento de repulsa a verdades dogmáticas é um traço que atravessa toda a sua obra.

É notável que a eloquência com que o estilo nietzschiano trata o tema do cristianismo tem como objetivo minar o caráter de veracidade dos valores morais que foram tornados hegemônicos pelo cristianismo. Para Nietzsche, este trouxe a domesticação do homem, transformou-o em animal de rebanho, em um ser frágil, sofredor e *decadente*. O cristianismo instaurou a bondade, a compaixão e o amor ao próximo como virtudes, e, principalmente, o advento do Deus cristão instalou definitivamente a esperança em se alcançar um mundo ideal, verdadeiro e redentor. Nietzsche, então, se propõe a revelar que esse processo seria uma inversão dos valores da Antiguidade clássica, além de apontar para a possibilidade de se criar novos valores absolutamente distintos dos que foram consagrados pelo cristianismo: a chamada *transvaloração de todos os valores*⁴. Ele chega ao gesto radical de assinar seu escrito autobiográfico – talvez seu último livro – com a insígnia “Dionísio contra o Crucificado”⁵. Nietzsche elege como assinatura para *Ecce Homo* a ênfase na rivalidade entre dois personagens que são uma constante em sua obra. De um lado, o mítico deus Dionísio, e do outro, o Deus Cristão.

Como vimos, Nietzsche inicia seu texto autobiográfico intimando-nos imperativamente para que não o tomássemos erroneamente como um santo, mas como um sátiro. Já no prólogo ele ressalta: “Sou um discípulo do filósofo Dionísio”⁶. Ou seja, ele inicia este escrito reivindicando para si o personagem

⁴ Cf. *O Anticristo* § 62. Transvaloração dos valores, tresvaloração dos valores ou transmutação dos valores é o termo utilizado por Nietzsche para designar sua intenção de criar um novo significado para os valores. Um significado que, segundo ele, originalmente era próprio da Antiguidade, e que teve seu sentido invertido pela tradição de pensamento. Embora seja comum o uso dos termos tresvaloração e transmutação, optou-se por transvaloração.

⁵ Cf. *Ecce Homo*, “*Por que sou um destino*”, § 9.

⁶ Cf. *Ecce Homo*, *Prólogo*, § 2.

mítico. Porém, curiosamente, ele não o assina com a alcunha do deus pagão, e prefere encerrá-lo dando ênfase ao embate entre o personagem titânico⁷, assumido por ele, e o mais virtuoso dos deuses de que a humanidade teve conhecimento, o Deus cristão. Como a idéia de uma autobiografia traz consigo a suposição de uma narrativa das memórias daquele que o assina, poderíamos dizer que o gesto de Nietzsche dá à sua autobiografia um sentido diferente do usual. Primeiro, em vez de assumir o nome Nietzsche, o narrador prefere vestir um personagem cuja característica principal é a sua potência em transfigurar-se. Segundo, no lugar de narrar suas memórias, ele opta por uma releitura de seus livros, que serve de fio condutor para “passar a limpo” a sua própria vida e criar a imagem de um filósofo dionisíaco, dando um novo significado a sua obra: “a ‘obra’, a do artista, do filósofo, só ela inventa quem a criou, quem a teria criado”⁸. Por último, no final de seu escrito, no lugar de assinar seu nome ou mesmo o do personagem pagão vestido por ele, Nietzsche enfatiza o embate entre o sátiro Dionísio e o santo Crucificado, sinalizando, assim, para a importância dada por ele, em seus escritos, a este antagonismo. Em verdade, a obra nietzschiana funciona como uma espécie de campo de batalha em que se afrontam os dois poderosos deuses.

É notável o vínculo entre a tarefa dionisíaca de instauração de novos valores e a destruição dos valores cristãos. *Ecce Homo*, livro no qual Nietzsche revela a que servia o que ele chama de filosofia dionisíaca, foi escrito imediatamente após *O Anticristo*, texto através do qual ele assume o papel de antípoda natural do Cristianismo. O pensamento dionisíaco a que Nietzsche se refere, por um lado, adere a uma perspectiva afirmativa para interpretação da existência, por outro, se volta contra qualquer forma de pensamento niilista que, por acreditar em meios que possibilitem o melhoramento da espécie humana, acaba engendrando um ideal para o indivíduo. E como para ele não existe este estado veraz para a existência,

⁷ Nietzsche se refere a Dionísio como sendo um “deus estrangeiro” que traz consigo o vírus do “transe”, propagando entre os gregos uma religiosidade selvagem. São as *epidemias* – termo utilizado para designar os sacrifícios oferecidos às potências divinas – provocadas por Dionísio que levam Nietzsche a comparar a potência do deus báquico à dos Titãs – aqueles gigantes que, segundo a mitologia, pretenderam escalar o Céu e destronar Júpiter. Segundo o helenista Marcel Detienne, Dionísio é senhor de uma pulsão “epidêmica” que o distingue dos outros deuses de epifanias regulares, programadas segundo o culto das festas oficiais. É o modo de agir de Dionísio que o torna único entre as potências divinas: um deus que se afirma no domínio soberano do espontâneo e, por isso, se torna afeito a manifestações repentinas e brutais. Como diz Nietzsche, “os poderes titânicos da natureza que reinam impiedosamente sobre todos os conhecimentos”, uma potência que está além dos limites da razão. Cf. *O Nascimento da Tragédia*, § 3 e DETIENNE, Marcel. *Dionísio a Céu Aberto*, pp. 14 e 94.

⁸ Cf. *Além do Bem e do Mal*, IX, § 269.

então esse idealismo, essa “vontade de verdade”, seria uma vontade de crença, o que ele chama de uma “vontade de Nada”, uma vontade niilista. Entre os pensamentos que ele considera niilistas estão incluídos não só a filosofia socrática e suas “afilhadas” cristãs, como também a filosofia moderna, cujo representante máximo seria o pensamento kantiano, que servira de alternativa ao antigo dogmatismo filosófico.

Embora esta seja uma questão que será tratada mais à frente, vale adiantar que o pensamento dionisíaco ressaltado por Nietzsche em *Ecce Homo* (1889) é melhor representado por duas obras escritas quase simultaneamente, no mesmo ano de seu texto autobiográfico⁹: *Crepúsculo dos Ídolos*, texto que procura destruir qualquer ideal, que procura dizer “adeus à velha verdade”¹⁰, e *O Anticristo*, livro através do qual Nietzsche não só trava o embate derradeiro com o pensamento cristão, revelando seu caráter histórico, como também, e principalmente, dá destaque à sua tese de que o ideal cristão de verdade teria se generalizado a ponto de ainda estar presente na modernidade: “que aborto de falsidade deve ser o homem moderno para, apesar de tudo, não sentir vergonha em lhe chamarem ainda cristão!”¹¹. A afirmação nietzschiana, em meio a seu tom jocoso, traz a revelação do suposto caráter teológico da modernidade. Nietzsche traduz o ideal moderno de progresso e melhoramento da humanidade, tão caro às utopias políticas e às ciências emergentes do século XIX, como sendo o esforço em transformar o homem em animal “gregário, útil, laborioso e apto”¹². Para ele, embora o pensamento moderno posterior à filosofia de Kant tenha funcionado como uma alternativa ao dogmatismo tributário da filosofia socrática, a modernidade não teria se livrado do ideal de verdade que foi universalizado pelo cristianismo, o que levou Nietzsche a tomá-la, portanto, como “herdeira do cristianismo”¹³. Neste sentido, o cristianismo funcionaria como *força produtora e motriz da modernidade*. Podemos dizer que essa tese só se justificaria na medida em que Nietzsche identificasse a “vontade de verdade” como elemento que lhe permitiria traçar uma certa continuidade entre o ascetismo cristão e o ideal moderno. Daí a crítica nietzschiana aos valores modernos implicar tanto uma

⁹ Nietzsche inicia o *Crepúsculo dos Ídolos*, interrompe-o para escrever *O Anticristo*, e somente depois o conclui. Cf. *Ecce Homo*, ‘*Crepúsculo dos Ídolos*’, §3.

¹⁰ Cf. *Ecce Homo*, “*Crepúsculo dos Ídolos*”, § 1.

¹¹ Cf. *O Anticristo*, § 38.

¹² Cf. *Além do Bem e do Mal*, VIII, § 242.

análise daquilo que ele chama de “valor da verdade” quanto um exame do cristianismo.

O objetivo desta tese é discutir o desenvolvimento da crítica que Nietzsche faz aos valores modernos, explorando sua articulação com a crítica que ele faz ao cristianismo, além de procurar mostrar que a revelação de que os valores modernos são cristãos é parte necessária do gesto nietzschiano de constituir novos valores absolutamente antagônicos aos valores altruístas próprios da civilização ocidental cristã: a *transvaloração nietzschiana*. Procuramos mostrar que, se por um lado, ele toma a “vontade de verdade” como fundamento dos valores modernos, por outro, num gesto típico de um “discípulo do filósofo Dionísio”, ele elege a arte como aliada e cria valores não-altruístas para, assim, rivalizar com os valores tomados por ele como cristãos. A pesquisa privilegia os livros *O Nascimento da Tragédia*, *Humano, demasiado humano*, *Aurora* e *A Gaia Ciência*, e dá destaque aos textos que compõem a fase de transvaloração nietzschiana, como *Além do Bem e do Mal*, *Genealogia da Moral*, *Crepúsculo do Ídolos* e *O Anticristo*. Procuramos seguir a periodização dos escritos de Nietzsche como forma de facilitar a localização do surgimento de conceitos fundamentais, e a percepção das transformações e deslocamentos pelos quais estes passam ao longo de sua obra. Apesar de tratarmos a obra do autor em diferentes períodos, tentamos não ocultar as comunicações e ressonâncias possíveis entre as diversas fases do pensamento nietzschiano.

No primeiro capítulo, abordamos a análise nietzschiana acerca da tragédia ática, contida em *O Nascimento da Tragédia*, e a caracterização de Sócrates como o inimigo da arte trágica, responsável por seu ocaso. Mostramos em que medida Nietzsche insere sua crítica a Sócrates num contexto de recusa do conhecimento racional e de apologia do conhecimento artístico, proporcionado pela arte trágica. Recusa esta que ele mais tarde traduziria como sintoma de hostilidade de seu primeiro escrito em relação ao cristianismo. Em seguida, analisamos de que modo Nietzsche, a partir de *Humano, demasiado humano*, se afasta dos pensamentos de Kant e Schopenhauer, dos quais seu primeiro escrito era tributário, e evidencia que qualquer verdade metafísica – seja ela proveniente da filosofia, da religião, da ciência ou até mesmo da arte – deve ser tratada como resultado de um trabalho demasiado humano. Por fim, nos dedicamos às novas mudanças introduzidas em

¹³ Cf. Idem.

seu pensamento com *Aurora* e *A Gaia Ciência* e à guinada trágica que permite uma radicalização da crítica à metafísica a partir de uma nova apologia da arte.

No segundo capítulo, a estruturação do método genealógico como instrumento de transvaloração nietzschiana ocupa o centro da discussão. Tratamos de mostrar como a genealogia, ao adotar a vida como critério de avaliação, permite que Nietzsche conceba uma crítica que coloca em xeque o próprio valor dos valores que foram tradicionalmente consagrados. Procuramos identificar de que modo a genealogia nietzschiana faz uma avaliação desses valores morais e estabelece um vínculo entre platonismo e cristianismo. Além de nos determos na crítica de Nietzsche a Sócrates contida em *Crepúsculo dos Ídolos*, procuramos discutir as teses da *Genealogia da Moral* que colocam “o ressentimento”, “a má-consciência” e “o ideal ascético” como instâncias que teriam propiciado que os valores morais socráticos, a partir do cristianismo, se tornassem hegemônicos: o que ele chama de “popularização do platonismo”.

No terceiro capítulo, procuramos discutir o papel desempenhado pelo cristianismo para que os “valores escravos” se tornassem senso comum no mundo ocidental. Mostramos de que modo a “autêntica história do cristianismo” narrada por Nietzsche em *O Anticristo* evidencia as artimanhas colocadas em jogo pela doutrina cristã na realização da chamada “revolução escrava na moral”. Por fim, discutimos a crítica nietzschiana às teses modernas de melhoramento da humanidade. Abordamos os motivos que levaram Nietzsche, através de *Além do Bem e do Mal*, a afirmar que o “movimento democrático” de liberdade e igualdade, tão caro às utopias políticas da Europa do século dezenove, seria herdeiro da doutrina cristã. Mostramos em que medida Nietzsche destaca o pensamento kantiano como aquele que teria fornecido as bases que propiciaram o ideal moderno de progresso, levando a crítica nietzschiana a revelar o kantismo como “o disfarce mais atual” do cristianismo. Por último, mostramos o papel determinante que tal revelação teria para o projeto nietzschiano de transvaloração de todos os valores.